

Transculturização, intersubjetividade, zona de contato em uma perspectiva decolonial da tradução¹

Piras Giorgia²

Como sugere Tapia a *politica selvaje* è un tiempo de suspensión del orden social, a través de dudas, críticas, ironía, huida, sabotaje. Um intervalo, ou melhor dito um corte, no ordem social, que brota baixo formas improvisadas e repentinas, irreverentes e sem medida, alheias à previsão das instituições do poder constituído. Continua Tapia esclarecendo, que a política selvagem è *forma de reformas sem projeto de ordem social e político*, e *forma de desmercantilización de las relaciones sociales y del trabajo humano*. Além de ser pratica sem teoria, è ação de sujeitos desordenados que gera pratica ordenada. Uma política selvagem nasce fora da política em si, porque a politica clássica não é capaz nem sequer de prevê-la. Como a política emancipadora da América Latina, do mesmo modo a *poética selvagem* prolifera além das categorias fixas, existe fora do cânon e do anti-cânone literário, ou seja, desvinculada do poder. È literatura invisível, resulta desafinada ao ouvido do leitor ocidental, aos ouvidos dos leitores ocidentalizados. Dificilmente vem reconhecida como literatura, por se afastar dos gêneros literários e revolucioná-los. È política selvagem aquela das editoras que desmercantilizam literatura, que publicam autores que vão além (ou melhor dito, em outras direções) das expectativas do leitor. Poética selvagem è aquela das obras que desfazem pedaço por pedaço o horizonte de espera do leitor. Mas, de resto, elas não contemplam exclusivamente o tempo lineal das literaturas ocidentais, por isso nem podemos afirmar que desconstroem um tempo não considerado em suas cosmovisões.

¹ Trabalho apresentado no GT 24 – Arte verbal e descolonização da palavra: sobre as poéticas selvagens.

² Università di Cagliari – UNICA, Centro Interdipartimentale di Studi sull’America Pluriversale – CISAP. PhD Literaturas Comparadas. giorgiapiras@yahoo.it.

Zona de contato

Muitos autores latino-americanos falam desde as fronteiras, e propõem discursos pertencentes às comunidades invisibilizadas, ou seja, que ficam debaixo da linha abismal. Essas mesmas comunidades se tornam visíveis se forem olhadas a partir de outras perspectivas. Naquele espaço que Mary Louise Pratt chama *zona de contato* (PRATT, 2002) a invisibilidade das populações marginalizadas transforma-se em copresença social e histórica. Sem conservar o valor imperialista europeu do conceito de fronteira, zona de contato explica melhor as dimensões interativas e imprevisíveis dos encontros coloniais deixados de lado nos relatos de conquista e dominação, que sempre adotam a perspectiva do invasor. Pratt toma como exemplo o da segregação sul-africana, que no ano 1993 ainda era vigente: *Sob uma perspectiva do contato, um fenômeno como a segregação, por exemplo, consistiria não simplesmente na separação ou isolação mutua, como vem sendo definido pela própria segregação, mas como uma forma de ajuntamento que assume a copresença social e historicamente estruturada de grupos dentro de um espaço - uma zona de contato. A partir dessa perspectiva, a 'invisibilidade' de grupos colonizados e subalternos na consciência de um grupo dominante não seria entendida como tal, ou seja, invisibilidade (B não existe para A), mas como uma forma de co-presença (B aparece para A na forma da negação da presença de B; B só pode ser 'não visto' se já estiver presente e se sua presença já for algo sabido)*(PRATT, 1993). A comunidade colonizada pela lógica colonizadora, feito um deslocamento de perspectiva, pode transformar sua invisibilidade em constante que garante sua presença: invisibilidade é o nome da presença do subalterno para o grupo dominante.

Se aplicar a expressão zona de contato à proposta para uma tradução descolonizadora, o tradutor tem que se deslocar numa perspectiva que proporcione uma metamorfose nos seus sentidos: como a invisibilidade das comunidades guetizadas virou-se em copresença, da mesma maneira o tradutor tem que olhar para aquilo que percebe como invisível.

Transculturização

O processo de transculturização constrói a base das imagens e discursos, que brotam na zona de contato. Sempre segundo Pratt o fenômeno da transculturização é próprio das zonas de fronteira porque refere-se às tomadas dos materiais autóctones pelos europeus, mas também às apropriações feitas pelos mestiços dos estilos hegemônicos, construindo assim maneiras próprias de representação.³ Walter Mignolo interpreta o conceito de transculturização e o de tradução como processos fundamentais na construção da ideia de modernidade e da sua contraparte (a colonialidade). Ele parte do pressuposto pelo qual a tradução foi um processo que a colonialidade do poder empregou para articular a diferença cultural no contexto latino-americano desde os séculos da conquista; continuando a reflexão sobre o conceito de transculturização cunhado por Fernando Ortiz em 1940, e sobre as práticas de tradução dupla empregadas nos discursos políticos do EZLN. Se nas crônicas e na obra cristianizadora dos missionários do século XVI o processo de tradução demonstra óbvios traços de ocultamento da diferença colonial através do processo de assimilação cultural e linguística, para o EZLN a diferença cultural é identificada como lugar onde intervir politicamente e epistemologicamente. No discurso do EZLN o processo de tradução/transculturização acontece em termos ameríndios, difundindo um movimento libertador de uma extensa história de opressão e de subalternidade do saber e da língua. A particularidade desse discurso reside no uso de um socioleto diferente daquele empregado nas produções discursivas políticas de outros contextos latino-americanos, que pretende miscigenar a sintaxe da língua espanhola com às das línguas de origem maya, faladas no estado mexicano de Chiapas (tzeltal, tzotzil, ch'ol, tojolabal). Isto é, a atitude transcultural proporciona uma ruptura no discurso, tal que a cosmologia da gramática indígena

³ O termo transculturização tem origem no estudo etnográfico do cubano Fernando Ortiz (*Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*, 1940), e foi cunhado para compreender a situação sócio-cultural da ilha de Cuba e a de América em geral. Na década dos '70 vem empregado por Angel Rama em estudos literários, ele mesmo elabora a expressão de transculturização narrativa. Esta atitude *transculturadora* da literatura se repercute na língua de escritores, segundo Rama herdeiros de uma tradição regionalista, que forjam uma língua artificial e literária, servindo-se de algumas das línguas autóctones americanas.

irrompe na sintaxe da língua hegemônica. A dinâmica de tradução dupla falada por Mignolo consiste em uma primeira mediação entre as línguas ameríndias de Chiapas (as línguas do movimento zapatista), e em segundo lugar há outro processo de tradução que procede das línguas indígenas ao espanhol, que proporciona uma entrada de conceitos e maneiras de pensar próprios das cosmologias indígenas. As línguas ameríndias, nesse passagem ao espanhol, não perdem totalmente as cargas de diferença cultural delas. No outro sentido, os conceitos ocidentais vêm traduzidos nas línguas autóctones em sintonia com as cosmologias que essas línguas veiculam. Esse sentido duplo da tradução/transculturação oferece uma mudança na história do sentido unidirecional da tradução, que durante muitos séculos dominou o panorama da comunicação entre comunidades subalternas e hegemônicas.

Literaturas escritas alternativas: um exemplo de Chiapas

No prólogo do seu livro *La voz y su huella* (1990), Lienhard corrobora que a produção literária alternativa (que muitos já assinalaram com diferentes nomes: *visión de los vencidos* de Portilla, *narrativa de transculturación* de Rama, *literatura heterogénea* de Cornejo Polar, *otra literatura* de Bendezú), alude à algumas manifestações de um amplo conjunto literário que se relacionam com as coletividades históricas “responsáveis” dos textos ou, quanto menos, das interferências “não ocidentais” que se descobrem neles. As chamadas *literaturas escritas alternativas* refletem bem o caráter da poética selvagem, pois elas fundamentam em três eixos: 1) o sistema semiótico e as diferentes leituras dele, 2) a oralidade, 3) e finalmente a escritura alfabética. Esta renovada dimensão literária, imprevisível e invisível ao olhar da literatura excludente e exclusiva do chamado *boom* latino-americano, abraça uma série de escritores americanos em que, como afirma Antonio Melis falando de José María Arguedas, a dimensão vital e a prática literária, de modo case corpóreo, tendem cada vez mais a coincidir.⁴ (MELIS, 2011, 279) O que nasce

⁴ Ao transportar o discurso social e político à literatura, vai-se avaliar como na biografia do escritor peruano José María Arguedas o encontro de prática e teoria, o seja, de vida e literatura, tem sua origem na infância

em Arguedas criança, è semente de poética selvagem: ao margem do amor paterno, lacerado por dentro, empreende sua trajetória de escritor, case metáfora humana daquele Peru *lacerado por el trauma no resuelto de la Conquista*.(MELIS, 2011, 279) Os universos literário, social e emotivo do escritor peruano encontram ecos no panorama das literaturas contemporâneas em língua espanhola, oriundas de outras terras americanas.⁵ Segundo as diferenças que intercorrem entre as categorias de discurso testimonial e etnoficcional, (reprodução de um discurso oral realmente pronunciado e invenção de um discurso oral fictício), podemos afirmar que o romance *Memorial del tiempo* de M. Bermúdez, pertence à primeira. De fato seu título completo é *Memorial del tiempo o vía de las conversaciones*. Publicado em 1987, homenageado como *Premio Nacional de Literatura-Testimonio*, INBA & Governo do estado mexicano de Chihuahua, pode definir-se um discurso literário de ruptura em relação à abundante produção literária indigenista da região. O romance é um testemunho da vida que o autor compartilhou com os indígenas ch'oles na região da floresta de Chiapas. *Memorial* é a recriação de um discurso indígena na variante de espanhol regional, chamada *castilla*; é reelaboração do discurso indígena do ponto de vista *ladino*, mestiço. O romance reproduz umas imagens e uma sintaxe indígenas, do povo ch'ol, de origem maya. Essas expressões moldam o idioma hegemônico até criar uma forma de narração que subverte o gênero literário do romance, revolucionando o paradigma espaço-temporal da narração ocidental. O *castía* o *castilla* è precisamente um espanhol interferido para uma língua indígenade substrato. Em *Memorial* a mediação pode-se definir uma verdadeira

dele, quando órfão de mãe desde pequeno, o pai advogado rural frequentemente longe de casa, ficou vivendo com a madrasta, relegado na cozinha com os criados índios. Este gesto de desprecio troca-se em ocasião irrepitível de assimilação do mundo indígena, em encontro original com outro universo afetivo e cultural, e desde esse tempo brota a maneira consciente de pensar em relação ao mundo quíchua, *aunque acompañada por la conciencia dolorosa del choque inevitable con el sistema de poder dominante que esta opción provoca*. (MELIS, 2011, 281)

⁵ [...] como Arguedas, yo mismo he hecho antropología, creo, y literatura, creo; y como él, me fue dado compartir parte sustancial de mi vida entre comunidades y pueblos de indios, entre quienes fui adoptado en hermandad y, en ocasiones, como un mayor a quien se debe respeto y retribución de consejo. *Las lindes de transformación humana y la permanencia de formas de vida indias en la estructura personal en Arguedas, en mí mismo, es otra de las colaterales en diálogo*. (MORALES BERMUDEZ, 2012, 36)

tradução/transculturação operada pelo autor da língua indígena à língua espanhola, porque essa língua inclina-se para uma versão extremadamente estrangeirizante em relação às normas, até modificar suas próprias estruturas sintáticas e gramaticais.⁶ A voz de *Memorial* encarna uma responsabilidade coletiva, e efetivamente nisto se atem à tradição memorialística que emprega o *nos*, sujeito plural que designa a coletividade, para enunciar os discursos das sociedades indígenas marginadas, dirigidos à um poderoso ou à opinião pública.

Intersubjectividade

O conceito de comunidade expresso com o *nosotros*, se constitui como palavra-chave na compreensão das cosmogonias indígenas da região de Chiapas, porque representa um conjunto orgânico no qual se integra uma multidão de componentes ou membros. A ação de falar em nome de uma comunidade não cancela a individualidade do falante, ao contrário, alimenta a identidade, que o filósofo e linguista Carlos Lenkesdorf, estudioso de cultura tojolabal, chama de voz *nosótrica*. O conceito de *nosotros* enfatizado pelo linguista conduz à reflexão sobre a ação comunicativa na cultura de origem maya, a qual se desenrola de forma intersubjetiva. Na língua tojolabal não se identificam objetos, por isso a comunicação constitui-se de frases fragmentadas e sujeitos com distintas valências, de *agência e de vivência*: *Yo te dije* (español) >> *Yo dije. Tú escuchaste.* (tojolabal)

Segundo o exemplo de cima feito de Lenkesdorf, a língua espanhola seria caracterizada de uma unidirecionalidade;⁷ ao contrário, na língua tojolabal, ademais de ter duas frases no lugar de uma, essas seriam caracterizadas de uma bi-direcionalidade,

⁶ *Así como venimos contando porque hay cuentos que pasan en los lugares así como vivimos, así contamos cosas según como nos tenemos recordado. Pero se pasa hay veces que ya tenemos olvido así como de sucesos que ya se pasaron los que son campesino como nosotros, como mismo pues, igual como nosotros que dicen la palabra verdadera.* (MORALES BERMUDEZ, 1987, 8)

⁷ Ou seja: *del sujeto agencial Yo se procede mediante el verbo DECIR hacia el objeto indirecto TE, que recibe pasivamente la acción.* (LENKESDORF, 2002, 10)

uma complementaridade.⁸ Essa língua vive graças às estruturas inter-subjetivas, as quais funcionam de maneira bidirecional. Isto significa que para o sucesso comunicativo, os dois sujeitos devem estar de acordo em comunicar-se, proporcionando a complementaridade da criação da fala. Segundo o linguista alemão, seria oportuno chamar estas línguas, mais do que ergativas, como consagradas pela disciplina linguística ocidental, *intersubjetivas*, porque este termo exprime de maneira mais fiel a idiosincrasia da estrutura delas. Sem negar ou cancelar o *eu*, sujeito privilegiado das sociedades e narrações ocidentais, Lenkesdorf afirma como na cosmogonia da língua mayense, o *nos* vem antes dos outros pronomes-sujeitos: é só graças ao *nos* que podem existir um *eu* e um *tu*. Esta dimensão comunitária abraça tudo o que vem considerando-se sujeito em língua tojolabal, como também nas demais línguas da família mayense, fazendo da *intersubjetividade* a diferencia que as caracteriza.

Conclusões

O papel de mediadores que assumem os autores mestiços das escritas literárias alternativas lhes obriga, em muitos casos, ser também tradutores daqueles mundos indígenas que pretendem representar. Essas mediações além de resultar visíveis ou não no texto literário, podem seguir a ética e política da não unidirecionalidade do processo tradutivo, o que proporcionará traduções estranhas. As poéticas selvagens que chegam a ser traduzidas, são aquelas que resultam ao leitor final leituras esquisitas, obras que se afastam da norma, que se apresentam ao público alvo como obras anti-canônicas. No caso de *Memorial* a língua indígena de substrato influi na versão final na língua espanhola regional, proporcionando uma leitura caracterizada pela sintaxe fragmentária e o léxico híbrido. Morales Bermúdez apresenta um gênero transculturado, um memorial indígena, que veicula a cosmovisão ch'ol, onde o ser humano relaciona-se com a natureza

⁸ *Dos sujetos agenciales se encuentran como iguales y se complementan al nivel horizontal para realizar el acontecimiento de la comunicación. Mejor dicho, el accionar de los dos sujetos tiene que complementarse. La comunicación, pues, no es impositiva como en la frase española, sino complementaria. Si uno de los sujetos no corresponde, la comunicación no se puede realizar.*(LENKESDORF, 2002, 13)

e com a espiritualidade através de uma dinâmica inter-subjetiva. Seguindo uma trajetória descolonizadora da crítica literária que ré-semantiza velhos conceitos e que ao mesmo tempo manifesta novos conceitos que não tem precedentes na teoria crítica eurocentrada, os conceitos de *zona de contato*, *transculturação*, *intersubjetividade* podem constituir-se à base de uma ética da tradução que pretende difundir as múltiplas articulações da alteridade.

Referências bibliográficas

- LENKESDORF, Carlos, *Filosofar en clave tojolabal*, México: M.A. Porrúa, 2002.
- MELIS, Antonio, *José María Arguedas. Poética de un demonio feliz*, Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2011.
- MIGNOLO, Walter, *Transculturation and the Colonial Difference. Double Translation*. In: MARANHÃO, Tullio, STRECK, Bernhard, *Translation and Ethnography: The Anthropological Challenge of Intercultural Understanding*. Arizona: University of Arizona Press, 2003.
- MORALES BERMUDEZ, Jesús, *Evocación personal y literaria de José María Arguedas en la memoria y vida de un escritor*, *America sin nombre*, vol.1,17, Alicante: dic.2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10045/26472> Acesso em 15 dezembro 2015.
- MORALES BERMÚDEZ, Jesús, *Memorial del tiempo o vía de las conversaciones*, México: Editorial Katún, 1987.
- MORALES BERMÚDEZ, Jesús, *Obra Literaria Reunida*, México: Juan Pablos Editor, 2007.
- PRATT, Mary Louise, *Criticism in the Contact Zone: Decentering Community and Nation*, In: M. BELL Steven, LE MAY Albert, ORR Leonard, *Critical Theory, Cultural Politics and Latin American Narratives*, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1993.
- PRATT, Mary Louise, *Ojos Imperiales. Literatura de viaje y transculturación*, México: FCE, 2010.